

O CINEMA NO CLUBE DE FILOSOFIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ruan Victor da Silva Nascimento ¹
Euza Raquel de Sousa ²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo abordar, a partir de um relato de experiência, as vivências e conclusões tomadas pelo discente durante as suas atividades como monitor de Ética e Estética no Instituto Federal do Rio Grande do Norte, engajando em reflexões e pesquisas quanto ao papel que o cinema pode exercer para o auxílio didático e estímulo de discussões filosóficas no contexto da monitoria e da organização de um clube de filosofia.

A pesquisa em questão envolve uma relação intrínseca entre o objeto de estudo e a escolha da abordagem didática, tendo como referência a discussão levantada por Aristóteles em sua obra *Ética a Nicômaco* (1987) quanto à diversidade das ciências: “Nossa discussão será adequada se tiver tanta clareza quanto comporta o assunto, pois não se deve exigir a precisão em todos os raciocínios por igual”. Discutir ética é muito diferente de discutir cálculos aritméticos e, portanto, irá exigir métodos muito diferentes para o êxito de sua execução. Os métodos apropriados para um clube de física, por exemplo, não irão coincidir com os métodos apropriados para um clube de filosofia, pois a própria natureza do objeto discutido irá reivindicar uma abordagem própria para si.

Portanto, no processo de organização de um clube de filosofia, identificar que métodos e recursos a serem utilizados são coincidentes com a natureza da filosofia é de grande importância, já que definem que as atividades sejam, de fato, parte de um “clube de filosofia”, e não de um “clube de leitura filosófica”, ou de qualquer outra coisa.

As atividades da monitoria em Ética e Estética iniciaram com as orientações da docente responsável pela disciplina. Dentre elas, estiveram informações concernentes ao clube de filosofia do instituto, ou A Cicuta: os ideais definidores do clube, sua relação com a ética e a estética, e a necessidade de uma fundamentação bibliográfica e documental que identifique os meios apropriados para estimular o interesse dos estudantes por ele e, ainda, seja coerente com as exigências metodológicas da filosofia. O cinema acabou por tornar-se um desses meios.

¹ Estudante do Curso Técnico em Informática do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, ruanvicnas@gmail.com;

² Professor orientador: Docente de Filosofia no IFRN Campus Mossoró e Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, euza.raquel@ifrn.edu.br.

As reflexões oriundas dessa pesquisa foram fundamentais para a compreensão do cinema enquanto recurso didático próprio para o ensino da filosofia, e incluiu a leitura de livros e artigos acadêmicos relacionados ao tema, discussões com professores de filosofia do instituto e a análise de experiências filosóficas em debates sobre cinema (cinebates) realizados pelo núcleo de audiovisual do IFRN

No entanto, o objetivo da pesquisa não foi alcançar respostas exatas e imutáveis para as perguntas: “qual é a relação entre filosofia e cinema?” e “como o cinema pode ser utilizado em um clube de filosofia?”, mas buscar uma espécie de “direcionamento” à compreensão dessas questões, de forma a fundamentar teoricamente as atividades do monitor sem, com isso, limitá-las a uma linha fechada de pensamento. Dessa forma, visões distintas sobre o tema foram identificadas, organizadas e refletidas.

METODOLOGIA

O trabalho consiste em um relato de experiência na forma de escrituras dos estudos e ações realizadas durante o referido processo de monitoria, com base em uma abordagem qualitativa e de caráter explicativo, tendo como enfoque as possibilidades de aplicação do cinema para a organização de um clube de filosofia. As vivências relatadas são fundamentadas na atuação do discente enquanto monitor da disciplina de Ética e Estética no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Mossoró, no segundo semestre de 2023.

O IFRN opera segundo os princípios da educação profissional e tecnológica, buscando unir ciência, técnica e tecnologia a concepções pedagógicas de base histórico-crítica. No instituto, as vagas de monitoria são ofertadas com base em um processo seletivo que consiste em três fases: prova objetiva, entrevista e análise do índice de rendimento acadêmico. Ao longo dos procedimentos, também é apresentado um plano de tutoria contendo as atividades, objetivos e especificidades estipuladas para a sua execução. A disciplina de Ética e Estética é ofertada no segundo ano das turmas de ensino médio integrado de informática, edificações, eletrotécnica e mecânica, possuindo caráter obrigatório e uma carga horária total de 30 horas.

O Clube de Filosofia do Instituto, intitulado A Cicuta, possui uma abordagem incomum aos demais clubes da instituição, com uma organização que busca coincidir com a natureza do próprio objeto de estudo: não tem em vista alcançar um fim específico, mas manter o estado contínuo de reflexão que caracteriza a filosofia. As explorações do cinema ao longo das atividades do clube são feitas a partir dos projetos Cinephillos e Tela Filosófica.

REFERENCIAL TEÓRICO

O papel que a monitoria acadêmica pode exercer na trajetória educacional dos discentes vem sendo há muito discutida na literatura. Faria e Schneider, por exemplo, a descreve da seguinte forma:

A monitoria pode ser compreendida como uma atividade de apoio discente ao processo de ensino-aprendizagem e de acompanhamento da execução de atividades formativas específicas, ou ainda como uma possibilidade de iniciação à docência em um trabalho conjunto realizado entre professor e monitor (2004, p. 4).

Porém, as autoras também apontam o fato de que o papel do monitor deve ir para além de passivamente auxiliar o professor: ele deve ativamente buscar compreender as particularidades do processo de ensino-aprendizagem manifestada em cada situação educacional, construído a partir do trabalho conjunto entre docente e discentes.

Nesse sentido, as contribuições feitas por Ribas e Censi (2007) para a compreensão dos possíveis usos de cinema para a filosofia, num sentido didaticopedagógico, alinham-se com essas particularidades de abordagem necessárias para a devida execução da monitoria. Segundo os autores, o cinema comporta uma experiência vivencial capaz de englobar a totalidade dos elementos que estimulam e fazem parte de uma análise filosófica. Afinal, o cinema tem a potência de simultaneamente apresentar imagem, movimento e linguagem, de forma a comportar e relacionar as diversas dimensões da existência humana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A validade do uso do cinema na filosofia não é uma conclusão óbvia e imediata. Ao longo da história da filosofia, diversos pensadores, como Platão (2019), levantaram críticas quanto ao uso das artes visuais para a compreensão da realidade. Em vista disso, antes de estabelecer o cinema como recurso próprio para guiar as atividades do clube e da monitoria, foi necessário o empreendimento de uma pesquisa bibliográfica para a compreensão tanto dos meios didáticos a serem utilizados ao longo das atividades quanto dos conhecimentos de ética que fundamentariam a discussão a ser realizada a partir desses meios.

Com o início das pesquisas, um fato tornou-se evidente: diversas linhas de pensamento distintas trabalharam a relação entre filosofia e cinema ao longo da história, e suas conclusões não necessariamente possuem um vínculo lógico entre si. Era preciso mais que o puro acúmulo de informações dispersas, e fez-se indispensável a organização dos conhecimentos adquiridos

para serem efetivamente compreendidos e aplicados. Nesse contexto, duas perspectivas foram identificadas e receberam destaque:

Uma primeira visão entende o cinema como meio técnico de ação política e social, possuindo um caráter dialético simultaneamente alienante e revolucionário. Ela é derivada da filosofia marxista e encontra sua expressão nos trabalhos de pensadores da Escola de Frankfurt como Walter Benjamin (NORTON, 2018). A segunda, por sua vez, vê o cinema enquanto dimensão logopática de compreensão do mundo, sendo construída pela associação entre conceito-imagens por meio das técnicas cinematográficas. Essa visão está ligada a uma epistemologia kantiana e é descrita pelo filósofo Júlio Cabrera (2006).

Esse processo de descoberta e reflexão, se por um lado forneceu ao monitor recursos intelectuais para a fundamentação teórica objetivada, também o distanciou de uma conclusão definitiva, gerando, a partir das respostas, uma nova pergunta: “como essas duas linhas de pensamento podem se relacionar na compreensão da relação entre cinema e filosofia?”. Assim, com o fim de identificar se ambas as visões poderiam coexistir sem resultarem em contradição, o discente aplicou-as em conjunção na análise de um evento experienciado: a exibição e debate do filme *Aftersun*, dirigido por Charlotte Wells, realizada pelo Núcleo de Audiovisual e pelo projeto Tela Filosófica do IFRN, Campus Mossoró, no dia 28 de setembro de 2023, como parte das atividades relacionadas ao setembro amarelo realizadas pelo instituto. A obra pode ser concebida da seguinte forma:

A partir da sucessão de conceito-imagens relacionadas a temas como memória, problemas de saúde mental e relação entre pais e filhos, *Aftersun* narra visualmente uma experiência particular que, embora seja parcialmente inspirada por vivências da diretora, é inexistente em um plano empírico. Apesar disso, na medida em que possui pretensões de universalidade e, assim, diz algo sobre toda a humanidade (CABRERA, 2006), a experiência cinematográfica ocasionou nos espectadores tanto uma compreensão lógica quanto uma conexão empática com os acontecimentos. O resultado foi um extenso debate envolvendo temas filosóficos, sociais, psicológicos e de vivência pessoal: após ser compreendido e sentido, o filme foi catalisador de ações e transformações, assumindo seu papel de conscientização de massas (NORTON, 2018).

Ou seja, na experiência estiveram presentes elementos tanto do cinema segundo Júlio Cabrera, quanto do cinema segundo Walter Benjamin. É possível entender a forma como essas diferentes perspectivas filosóficas podem coexistir na análise de um objeto ao considerar que elas não falam sobre um mesmo aspecto desse objeto, mas, na verdade, descrevem dois níveis lógicos da experiência cinematográfica.

O pensamento de Júlio Cabrera descreve o estágio epistemológico em que o filme é visto, e então compreendido e sentido, logopaticamente. Nesse caso, fala-se sobre o que está entre o cinema e o espectador, num plano lógico e linguístico. A partir do momento em que é logopaticamente assimilado, o filme então gera ações ou não-ações em seus espectadores, consistindo na configuração social de alienação e potencialidade de revolução investigada por Walter Benjamin. Nesse caso, não se está falando sobre a relação individual entre espectador e cinema, mas sobre a relação entre as massas espectadoras e o cinema dentro de determinado meio político.

Constata-se, assim, que nada imediatamente impede uma concepção de cinema como simultaneamente logopático, alienante e revolucionário. E, embora a série de implicações geradas ao relacionar essas qualidades não seja evidente, elas ainda podem ser levadas em consideração para a sua implementação enquanto recurso de discussão filosófica, pois necessariamente querem dizer alguma coisa sobre o que é o cinema e qual a sua relação com a filosofia.

Ao fim do estudo, a atuação do discente como monitor levou-o a uma compreensão do cinema como potencialmente motivador de debates éticos e estéticos pertinentes à monitoria e ao clube de filosofia, sendo capaz de servir como uma referência ficcional da realidade existencial quando adequadamente utilizado em seu potencial didático e filosófico (RIBAS e CENSI, 2007). Para isso, é necessário que o espectador assuma ao longo da exibição a posição não de contemplador passivo, mas de um agente que interage com seus elementos lógicos (CABRERA, 2006). Não basta apenas olhar o filme: deve-se compreender a partir da visualização, refletir a partir da compreensão, e agir a partir da reflexão.

No entanto, após esse aprendizado inicial, uma nova dificuldade foi percebida quanto à aplicação prática dos princípios aprendidos: exibir um filme tendo como fim a discussão de um tema filosófico pré-estabelecido poderia limitar o espírito de liberdade filosófica que deveria guiar as discussões, de acordo com os princípios do clube de filosofia. Se dado filme fosse utilizado com o propósito de debater sobre ética, por exemplo, outras possibilidades de interpretações e discussões poderiam ser tolhidas a partir desse direcionamento deliberado. Portanto, foi estabelecido que a abordagem ideal seria fazer a exibição de filmes tendo como fim único a sua discussão livre, permitindo, assim, uma exploração ampla das possibilidades de significado que podem ser estimuladas por ele.

Segundo Lins et al (2009, p.1), “As experiências vividas na monitoria acadêmica são marcas que ficarão impressas no intelecto de quem tenha o privilégio de vivenciar essa realidade”. Essa afirmação dos autores entra de encontro com as vivências do discente, pois os

conhecimentos adquiridos ao longo desse período de monitoria foram de grande importância para a aquisição dos recursos intelectuais que devem fundamentar suas atividades posteriores não apenas como monitor, mas também como estudante e humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições deixadas pela experiência de monitoria em filosofia são numerosas, e englobam diversas facetas da formação intelectual do monitor e, conseqüentemente, dos alunos monitorados. Dentre elas, é possível citar a aproximação do discente com o fazer pedagógico, a aquisição de conhecimentos teóricos e práticos relevantes quanto ao tema e a facilitação da comunicação entre estudantes e professor.

Além disso, a associação dessa vivência ao cinema foi de suma importância para a compreensão das variadas possibilidades de abordagem na prática da monitoria, definindo o monitor não apenas como um intermediário passivo no processo pedagógico mas como agente transformador na construção de uma relação proveitosa entre docentes, alunos e seu objeto de estudo.

Palavras-chave: Monitoria, Filosofia, Cinema, Estética, Clubes estudantis.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- FARIA, J.; SCHNEIDER, M.S.P.S. **Monitoria**: uma abordagem ética. (2004 - mimeo).
- RIBAS, Maria Alice Coelho; CENCI, Márcio Paulo. **Filosofia e cinema**: possíveis entrecruzamentos. *Thaumazein*, v.1, n.1, 2007.
- LINS, Leandro Frago. **A importância da monitoria na formação acadêmica do monitor**. Anais da Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão – JEPEX, Recife. p. 1-2. 2009.
- PLATÃO. **A República**. São Paulo: EDIPRO, 2019.
- NORTON, M. **Diante do aparelho**: a experiência pedagógica do cinema em Walter Benjamin. *REVISTA POIÉSIS*, v. 13, n. 19, p. 45-61, 1 out. 2018.
- CABRERA, Julio. **O Cinema Pensa**: uma introdução à filosofia através dos filmes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.